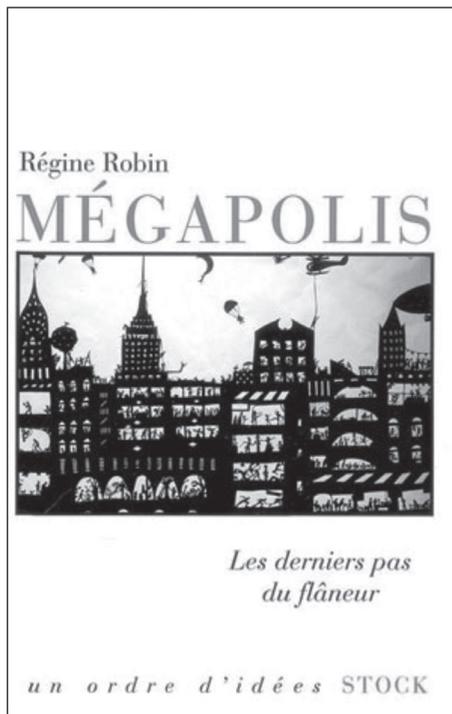


ROBIN, Régine. Mégapolis: les derniers pas du flâneur.
Paris: Éditions Stock, 2009. 397 p.

Kelley B. Duarte



Os canadianistas conhecedores da produção de Régine Robin sabem bem que ela é uma escritora interdisciplinar, ou ainda, como ela mesma prefere dizer, indisciplinar. O aspecto marcante de sua obra é o trânsito entre diferentes gêneros e campos do saber, mas sempre recheado com um toque autobiográfico. Porém, com essa publicação, ela acaba escorregando nas alamedas da autoficção. Sem poder negar tal classificação, *Mégapolis* é a obra que legitima a categoria autoficcional

em seu conjunto de obras. Lançada na ocasião do evento sobre o gênero, organizado na França por Arnaud Genon e Isabelle Grell, em 2009, *Mégapolis* incorpora a lista das obras autoficcionais contemporâneas e passa também a ser a prova do quanto a autora pode ser “indisciplinada” mesmo quando assume um gênero específico para classificar o que escreve.

No capítulo de abertura que antecede as cinco partes nas quais *Mégapolis* foi dividida, a escritora apresenta a estrutura do que se pode chamar de “Megalópole textual”. Nele, Régine Robin traduz sua tentativa de reunir diversas características e traços marcantes de várias grandes cidades, de lugares de passagem de sua preferência, de paisagens familiares e estranhas; aspectos que alimentam o desejo da deambulação urbana, da *flânerie*, e inspiram a construção do que ela chama geopoética do sentimento.

Nessa introdução, Régine Robin cita diferentes metrópoles para falar brevemente de suas experiências com cada uma delas e de sua impressão diante da diversidade encontrada em

idades, tais como Los Angeles, Berlim, Londres, Nova Iorque, Santa Mônica, Paris, Montreal, Buenos Aires, México, Budapeste, Praga, Las Vegas, sem esquecer das capitais brasileiras São Paulo e Rio de Janeiro.

Junto à descrição dos cenários urbanos de sua preferência, associada ao prazer das deambulações, Régine Robin tenta extrair particularidades de megalópoles reais e fantasiadas, descrever aspectos tais como o lado sensível da cidade, as luzes e holofotes da noite, a cacofonia visual dos *outdoors*, o metrô e a poesia das estradas, *freeways* e ruas com sua saturação sonora. Enfim, tudo o que possa ser imagem simbólica da pós-modernidade é abordado nessa introdução.

Nas cinco divisões de *Mégapolis*, a paixão de Régine Robin pelas deambulações guia o leitor agora em cinco megalópoles selecionadas para descrição: na América do Norte, a escolha foi por Nova Iorque e Los Angeles; Buenos Aires na América do Sul; Tóquio na Ásia e Londres na Europa. Na seleção das cidades que formariam o grande roteiro das deambulações e percepções da escritora, duas ficaram de fora: Paris e Montreal, descartadas pelo vínculo que a autora possui com ambas. A primeira, cidade natal, e a segunda, cidade de migração, de acolhida.

Diferente do que se espera encontrar em uma obra classificada como autoficcional, *Mégapolis* poderia ser lida como um roteiro urbanístico das cidades que nela são contempladas. Na introdução de cada uma das partes, encontra-se um mapa que ilustra as linhas de metrô e de circulação urbana pelas principais rodovias de acesso a cada uma delas, constituindo-se em ilustração que ganha a forma de redes rizomáticas nas cidades que ela define, a exemplo de Tóquio, como tentaculares.

O circuito traçado pelas cinco megalópoles é permeado de relatos e experimentações pessoais da autora. Porém, trata-se de uma narrativa de *flâneries* que também se apoia no olhar de cineastas e escritores, nas deambulações de personagens de cinema e de obras literárias referenciadas ao longo do percurso.

Diante de tanta informação, da cacofonia visual e sonora da cidade grande, é natural sentir-se mergulhado em um cenário ficcional extraído ou de um texto ou de um filme. Estaria aí a necessidade de representar outra identidade, ou, como Régine Robin mesma diz, de performar, já que suas *flâneries* também são influenciadas pelas experimentações dos personagens de seu imaginário cinematográfico e literário. Além disso, a ficcionalização da iden-

tidade narrativa sofre metamorfoses de acordo com o local das deambulações. A protagonista do percurso em Los Angeles ou em Nova Iorque não é a mesma que percorrerá as ruas e linhas de metrô de Tóquio, megalópole asiática. Se a postura é outra, o olhar também será diferente.

Ultrapassando mais uma vez o gênero autoficção, pode-se ainda dizer que *Mégapolis* é uma narrativa atemporal que não denota a nostálgica retrospectiva de episódios vividos, embora se saiba que as deambulações transcorrem na maturidade da autora. A característica do “fora-do-tempo” se reforça pela recorrência constante a obras que narram as cidades visitadas.

Seria quase impossível para Régine Robin propor uma obra convidativa à deambulação sem evocar o imaginário em torno do *flâneur*. Entretanto, o anúncio dos “últimos passos” da figura baudelairiana na composição do subtítulo se explica em dois momentos do livro. O primeiro estaria centrado no questionamento “Peut-on encore flâner dans les mégapoles?”, presente no desenrolar do capítulo de introdução. Mesmo apresentando-se como uma *flâneuse* que guiará o leitor sob um olhar poético, ante o que poderia ser o caos, a autora também quer pensar as limitações da “deambulação sem destino” – diante

do perigo e da violência, por exemplo – e transformações da figura do *flâneur* das megalópoles que acaba assumindo o perfil de um *cruiser*, um automobilista, um turista, um consumidor ou ainda um sujeito autoficcional pós-moderno, visto que sua relação com o outro torna-se mundializada e estabelece uma rede de conexão entre hemisférios. A segunda explicação que o leitor encontra para o fim do *flâneur* é percebida no subcapítulo “Du flâneur au nomade” que compõe a primeira parte do livro. Nele, percebe-se o direcionamento que Régine Robin dá para se pensar hoje na figura do nômade como o deambulante dos novos tempos. É ele quem rompe com as fronteiras entre países, continentes e culturas e tem um perfil bem mais apropriado à pós-modernidade.

Por trás do projeto de *Mégapolis*, que propõe a transformação completa do olhar sobre as grandes megalópoles, parece encontrar-se o desejo da escritora de brincar uma cidade modelo (*polis*) em seu texto autoficcional. É assim que Régine Robin, no capítulo que encerra o livro, reúne todas as cidades visitadas a partir dos aspectos mais significativos. Nesse fechamento, ela traça um roteiro de atividades que ocorrem simultaneamente em cada cidade, em seus respectivos fusos horários. Restaurantes, cafés e livrarias ambientam esse curto diário

no qual a protagonista é Régine Robin e seus duplos. Todos eles deambulando em Los Angeles, Nova Iorque, Buenos Aires, Paris, Londres, Shangai, Tóquio, Santa Mônica, mas compartilhando o

mesmo desejo de estar em Montreal. *Mégapolis*, les derniers pas du flâneur: um roteiro urbanístico e íntimo para turistas de passagem e canadianistas da pós-modernidade.